Alagamentos no Rio Grande do Sul: soluções urbanas inovadoras frente às mudanças climáticas.

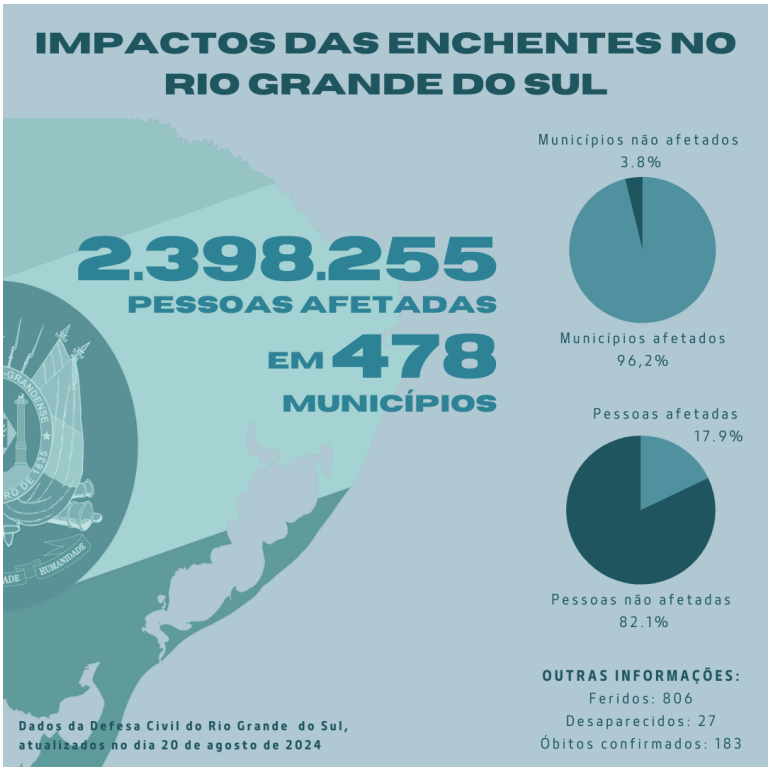
Diante dos impactos crescentes das mudanças climáticas e do consequente agravamento dos eventos climáticos extremos, como as chuvas devastadoras que recentemente atingiram o Rio Grande do Sul, muitas universidades estão desenvolvendo propostas inovadoras em que a urbanização dialoga com as águas. Planejar a partir das águas garante a manutenção do ciclo hidrológico natural e ajuda a mitigar eventos climáticos adversos.

No Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP de São Carlos, pesquisadores do grupo PExURB (Grupo de Pesquisa e Extensão em Urbanismo) e do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP São Carlos (IAU-USP) atuam nacionalmente em parceria com o poder público. Focado nos pilares de ensino, pesquisa e extensão, o grupo promove práticas críticas em arquitetura e urbanismo, visando transformar cidades brasileiras e envolver alunos em ações comunitárias e levar a ciência e a academia até a sociedade. O grupo desenvolveu uma solução chamada “Distritos Hídricos”, que consiste em bairros para regularização fundiária na cidade de Salesópolis, com prioridade aos serviços de saneamento básico, saúde, meio ambiente, segurança alimentar e geração de renda. Situados próximos à nascente do Rio Tietê, esses distritos trazem dois grandes benefícios: auxiliam a preservar as funções ambientais da bacia hidrográfica e asseguram qualidade de vida e segurança para as moradias já existentes na região. O objetivo a longo prazo é uma rede de núcleos urbanos descentralizados, focados em autossuficiência e também visando cumprir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os ODSs, que integram a Agenda 2030 da ONU.



Desenho esquemático desenvolvido por PExURB: Diálogo entre ocupação e natureza.

Essas soluções também podem ser aplicadas em outras regiões de inundações, onde essas questões são muito presentes. O recente desastre no Rio Grande do Sul, em abril de 2024, evidenciou a vulnerabilidade das cidades brasileiras. Em apenas dez dias, o estado sofreu com uma precipitação equivalente a um quarto da média anual, impactando mais de 2,3 milhões de pessoas. Este episódio trouxe à tona a discussão sobre a preparação das cidades brasileiras para enfrentar eventos climáticos extremos e a urgência de repensar o planejamento urbano de forma a minimizar os danos futuros e tomar medidas preventivas para evitar desastres semelhantes.



Diante desse contexto, os pesquisadores do PExURB defendem que as cidades devem se adaptar às novas condições climáticas, implementando soluções integradas que protejam tanto o meio ambiente quanto às suas populações. Para eles, o fortalecimento das capacidades locais, com a criação de políticas públicas focadas na resiliência urbana, é crucial para minimizar os efeitos de eventos extremos, que tendem a se agravar com o decorrer dos anos. Nesse sentido, as soluções para mitigar futuros alagamentos incluem a implantação de sistemas integrados de drenagem e um planejamento urbano mais resiliente.

Os arquitetos e urbanistas sugerem a criação de parques lineares e áreas de preservação ao longo de rios, que atuam como barreiras naturais contra as inundações. A preservação de áreas verdes, o investimento em infraestrutura de drenagem, a educação pública sobre riscos e a conscientização da população são destacadas como prioritárias. Além disso, cabe à gestão pública traçar um mapeamento detalhado das áreas de risco e manter um acompanhamento constante do clima e dos níveis dos rios, sobretudo com soluções no âmbito regional. Essas soluções precisam ser aplicadas de forma sistêmica, ou seja, levando em conta o conjunto das cidades, e não áreas isoladas.